

Bullying aleatório

Random bullying

Rodrigo Medeiros dos Santos
rodrigomedeiros182@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a problemática do fenômeno *bullying*, aspectos sobre sua conceituação e a determinação de uma nova modalidade de intimidação, aqui denominada *bullying* aleatório. O fenômeno *bullying* compreende todas as formas de atitudes agressivas intencionais e persistentes que ocorrem sem motivação aparente numa relação desigual de poder entre pares. Sua modalidade aleatória, no entanto, é caracterizada por ações quase sempre anônimas e não direcionadas a uma vítima em especial, ocorrendo, muitas das vezes, sob forma de armadilhas ou emboscadas. Este artigo estuda, entre outras coisas, a definição e caracterização deste fenômeno. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, caracterizada metodologicamente como descritiva segundo seus objetivos intrínsecos, e de campo segundo a coleta dos dados. A partir da aplicação de um questionário aberto direcionado a 120 estudantes universitários, foram obtidos relatos de crueldade explícita, que foram, então, discutidos à luz do fenômeno pesquisado. Os relatos obtidos permitem estabelecer três principais características que diferenciam o *bullying* aleatório do convencional: ações violentas persistentes, porém não direcionadas; ausência de desequilíbrio de poder entre os envolvidos; vitimização aleatória.

Palavras-chave: *Bullying* aleatório, intimidação, violência escolar.

Abstract: The objective of this paper is to discuss the issue of bullying, aspects of its concept and the definition of a new kind of intimidation, known as random bullying. Bullying covers all forms of intentional, persistent, aggressive behavior, occurring without apparent motivation in a relationship between peers in which there is an imbalance of power. Its random mode, however, is characterized by anonymous and non-directed actions to one specific victim, occurring, very often, in the form of traps or ambushes. This article studies, among other things, the definition and characterization of this phenomenon. For this purpose, we conducted a qualitative research, methodologically characterized as descriptive according to its intrinsic goals, and as a field research according to the data collection. From the application of an open questionnaire to 120 college students, we obtained reports of explicit cruelty, which were then discussed according to the phenomenon studied. These reports allow us to establish three main characteristics that differentiate the random bullying from the conventional one: persistent and violent, but not directed, actions; lack of power imbalance; random victimization.

Key words: random bullying, intimidation, school violence.

Introdução

A palavra *bullying*, originária da língua inglesa, deriva do termo *bully*, que significa “valentão” ou “encrenqueiro”. Trata-se de uma modalidade de violência que vem ganhando espaço nos meios de comunicação por muitas das vezes culminar em algum tipo de tragédia, como a ocorrida em 1999, no Instituto Columbine (Colorado, EUA), onde dois adolescentes, vítimas de *bullying*, assassinaram 12 colegas e um professor¹. Este e muitos outros casos ganharam destaque e suscitaram debates sobre o tema, no mundo todo, a respeito da problemática da violência no âmbito escolar.

Esta notoriedade do fenômeno *bullying* na mídia é, de certa forma, tardia, já que, segundo Fante (2005), o *bullying* é tão antigo quanto a própria escola, mas poucos esforços foram despendidos para seu estudo sistemático até o início da década de 1970. Nessa época, surgiram na Suécia os primeiros estudos sobre o assunto. Mas foi na Noruega que estes estudos se consolidaram sob a liderança do pesquisador Dan Olweus, pioneiro no estudo do fenômeno *bullying*. Olweus foi o primeiro a identificar sistematicamente as condutas de *bullying* e diferenciá-las de outras formas de violência e das brincadeiras próprias da idade. Estabeleceu ainda critérios de identificação do *bullying* amplamente utilizados até os dias de hoje, como a persistência das ações contra a mesma vítima em um período prolongado de tempo, a relação de desequilíbrio de poder entre os pares e a aparente ausência de motivos que justifiquem a ação violenta.

Olweus pesquisou cerca de 84 mil estudantes e constatou que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de *bullying*. Esta situação originou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em 50% os casos de *bullying* nas escolas da Noruega; tal fato incentivou outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, a promoverem campanhas de intervenção.

Em muitas situações, é comum julgar erroneamente situações normais de conflito, confundindo-as com situações de *bullying*. A superexploração e a consequente banalização do tema na mídia podem gerar equívocos por parte de professores, psicólogos e pais. O modismo da palavra muitas das vezes leva a excessos e generalizações incorretas. Nem toda violência observada dentro ou fora do ambiente escolar pode ser caracterizada como *bullying*, embora o *bullying*, em si, sempre se caracterize como um tipo particular de violência. Os critérios comumente adotados para a identificação do fenômeno englobam três aspectos principais: ações repetitivas contra a(s) mesma(s) vítima(s) num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta uma possível reação da vítima; e a ausência de motivos aparentes que motivem os ataques.

Pelo seu caráter multifacetado e subjetivo, o *bullying* pode assumir diversas particularidades, e destas podem derivar ainda outras tantas, dependendo do contexto em que a violência ocorrer. Existem diversas classificações para este mesmo fenômeno. Olweus (1993) classifica o *bullying* como direto e indireto. O *bullying* é direto quando as vítimas são atacadas diretamente, e

indireto, quando estão ausentes. É considerado *bullying* direto apelar, agredir fisicamente, ameaçar, roubar, ofender verbalmente ou utilizar-se de gestos ou expressões que causem qualquer dano ou mal-estar à vítima. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento social, difamação e negação aos desejos.

Beane (2010) utiliza uma classificação ligeiramente distinta, caracterizando o *bullying* como físico (agressões físicas), verbal (agressões verbais) e social e relacional (manipulação, constrangimento, exclusão social, maledicência, etc.). Para Calhau (2010), o *bullying* pode ser horizontal (entre pessoas do mesmo nível, como estudantes) e vertical (entre pessoas de níveis diferentes, como professores e alunos). O mesmo autor ainda destaca o *bullying* prisional (entre pessoas cumprindo pena em um sistema penitenciário), o *bullying* militar (caso específico de violência entre pessoas que seguem carreira nas forças armadas), o *bullying* homofóbico (onde a motivação é especificamente o preconceito contra a opção sexual), o *bullying* no trabalho, o *cyberbullying* (modalidade de *bullying* onde se utilizam meios eletrônicos como *sites*, *e-mails*, mensagens de celular, vídeos, fotos ou qualquer outro recurso tecnológico como arma para agredir a vítima). Todas essas classificações são derivadas da modalidade mais comum de *bullying* e a primeira a ser originalmente pesquisada na década de 1970 por Olweus, o *bullying* escolar.

Kevorkian e D’Antona (2008) ressaltam que o *bullying* também ocorre entre amigos. Muitas das vezes, vítima e agressor podem possuir um laço afetivo e compartilhar

¹ Em 20 de abril de 1999, no condado de Jefferson, Colorado (EUA), os jovens Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17 anos, invadiram o Instituto Columbine, onde eram estudantes, e mataram 13 pessoas, deixando outras 24 feridas. Eric e Dylan foram vítimas de *bullying* severo durante boa parte da vida escolar. Após o massacre, os dois jovens cometeram suicídio.

uma amizade genuína. A imaturidade e a falta de habilidade social podem transformar brincadeiras supostamente amistosas em situações de sofrimento. Em outros casos, a busca por aceitação social dentro de um determinado grupo pode motivar comportamentos agressivos. É muito comum em crianças e adolescentes que haja uma dinâmica de relação social baseada em inversão de valores. Pequenas demonstrações de poder, podendo ir de pequenas provocações até atitudes agressivas, são como ferramentas usadas para obter aceitação ou popularidade. Tudo isso em detrimento de valores positivos, como boas notas e comportamento amigoso.

Para Fante e Pedra (2008), o comportamento *bullying* pode ser identificado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade, independentemente da localização da escola, turno ou poder aquisitivo da comunidade escolar. Ainda segundo os mesmos autores, ocorre também em ambos os sexos, embora a incidência entre os meninos seja maior. Boa parte do *bullying* praticado entre garotas parece derivar de inveja ou ciúme, que leva à raiva e, depois, ao esforço para destruir os relacionamentos ou a reputação de alguém. É comum que o *bullying* entre meninas seja subestimado porque elas são capazes de sutileza, enquanto que nos meninos este comportamento é bem mais observável (Beane, 2010).

Pais, professores, amigos e todos os envolvidos devem ter muito cuidado para não julgar os agressores. Muitos valentões foram, eles mesmos, vítimas de outros valentões. O *bullying* apresenta um aspecto epidêmico, por se tratar de comportamento psicossocial expansivo, uma vez que 80% das vítimas tendem a reproduzir os maus-tratos sofridos (Fante e Pedra, 2008). No mais, muitos agressores tornam-se adultos que se envergonham dos

atos de violência praticados na infância e na adolescência, mostrando que nem sempre há uma continuidade deste comportamento. Infelizmente, esta não é uma regra. Calhau (2010) afirma que, em alguns casos, os adolescentes envolvidos no *bullying* também acabam por se envolver em conflitos com a lei.

Aspectos acerca do fenômeno *bullying*

Todos os alunos que fazem parte do ambiente escolar participam direta ou indiretamente do *bullying* (Carita, 2008). É possível classificá-los em alvos/vítimas, aqueles que apenas sofrem *bullying*; alvos/ autores, aqueles que ora sofrem, ora praticam *bullying*; autores/agressores, aqueles que apenas praticam *bullying*; testemunhas, aqueles que presenciam situações de intimidação (McEachern *et al.*, 2005; Botelho e Souza, 2007).

Podem ser diversas as causas deste fenômeno e ainda mais diversas as consequências. Uma pessoa pode praticar *bullying* por possuir dificuldade em demonstrar empatia, para obter aceitação social, para conseguir coisas, por temer ser vítima de *bullying* (ou já ter sido também uma vítima), por não saber lidar com sentimentos negativos, tais como raiva, tristeza ou frustração; por carência afetiva, ausência de limites, permissividade excessiva, por ter vivenciado desde cedo situações de violência no seio familiar, por falta de habilidade social, por se sentir reduzido, por insegurança, por possuir uma baixa autoestima, etc.

Em alguns casos, a mentalidade de grupo pode motivar a prática da intimidação entre pares. Crianças podem ser rejeitadas não por suas características ou comportamento, mas simplesmente porque um grupo precisa de um alvo para rejeitar. Neste caso, a rejeição dá unidade ao

grupo, definindo as fronteiras de sua aceitação. Fazer parte de um grupo pode trazer satisfação e segurança a seus membros. A necessidade de um bode expiatório pode fortalecer a união, trazendo coesão e estreitando os laços dentro do grupo. Por serem seres tipicamente sociais, as pessoas desde muito cedo tendem a buscar acolhimento e aceitação, ainda que para isso precisem praticar ou sofrer atos violentos. Ritos de passagem para ser aceito em uma determinada gangue ou trotes universitários são exemplos claros disso.

Muito ainda é discutido no que diz respeito à influência de jogos e filmes violentos como fatores potenciais que induzem à prática de *bullying*. De uma maneira geral, a banalização da violência pode despertar na criança a sensação de que é comum solucionar conflitos desta maneira, alimentando a crença de que o comportamento agressivo é uma linguagem aceitável. As crianças tendem a imitar aquilo a que são expostas, e a violência com requintes de *glamour* muitas das vezes se torna um atrativo irresistível. Em 1999, durante o massacre de Columbine, os adolescentes Eric Harris e Dylan Klebold usavam vestimentas e armas semelhantes às de um personagem de um filme violento visto por eles diversas vezes naquele mesmo ano.

O ambiente em que a criança está inserida também pode ser um fator catalisador de atitudes violentas. Constantini (2004) alega que contextos com pouca possibilidade de troca, que não conseguem construir relações de negociação entre seus membros, são espaços propícios para a ocorrência de *bullying*. Na maioria das vezes, professores ou outros profissionais da escola não percebem a agitação ou não se encontram presentes no local quando acontecem os ataques à vítima; assim, os próprios alunos ficam entregues a si mesmos para resolver seus conflitos (Fante, 2005).

O *bullying* é comumente mencionado como uma violência sem motivação aparente. A prática mostra que geralmente pessoas são vítimas de *bullying* por apresentarem alguma característica física ou de personalidade que as torna “diferentes”, segundo, é claro, os critérios de quem decide as agredir. Em alguns casos, a motivação do agressor pode ser a cor da pele da vítima (*bullying* racial), a sua opção sexual (*bullying* homofóbico), o fato de a vítima tirar boas notas, ou ainda alguma condição médica, como deficiências de ordem física ou mental. Uma pessoa pode ainda ser alvo de *bullying* simplesmente pela forma como se apresenta socialmente (corte de cabelo, roupas, etc.). Em todo caso, uma vez que se trata de um fenômeno tão complexo e que pode ocorrer de tantas formas distintas, seria impossível esgotar aqui todas as possibilidades de motivações potenciais para essa prática.

É verdade que as diferenças são frequentemente os tópicos dos insultos. Entretanto, todas as crianças têm alguma coisa que as diferencia das demais. Assim, o que está acontecendo dentro da criança muitas das vezes é o que acaba por determinar se ela será vítima de intimidação.

Crianças visadas pelos valentões são ansiosas e se preocupam demais em ser aceitas e de algum modo transmitem uma mensagem às outras que diz: “Estou aqui – Peguem no meu pé!” Com muita frequência, são as crianças com poucos amigos, ou nenhum, que irão em seu socorro. As outras crianças geralmente permanecem passivas enquanto essas são provocadas, agradecidas por não estar acontecendo com elas. A criança intimidadora vê nisso uma aprovação e encorajamento para fazer mais. Cada vez que as crianças vulneráveis são perseguidas, elas ficam mais aprisionadas no papel de vítimas aos olhos das outras crianças e aos seus próprios (Elman e Eil, 2004, p. 31).

Para Marriel *et al.* (2006), “as vítimas de *bullying* geralmente são pessoas com dificuldades de reagir diante das situações agressivas, não conseguindo suportar a pressão a que são submetidas”. No entanto, Cecconello e Koller (1999) ressaltam que nem todos os indivíduos que vivenciam as mesmas situações de risco e violência apresentam problemas. Pelo contrário, alguns deles conseguem adaptar-se e superar essas situações, demonstrando, entre outras habilidades, competência social. São ditos indivíduos resilientes. A resiliência é definida como uma “forma de se fazer frente às dificuldades, os mecanismos que permitem às pessoas comportar-se ou desenvolver-se normalmente sob condições adversas” (Lindström, 2001, p. 134).

Cerezo (2001) realizou um estudo com 315 alunos avaliando variáveis de personalidade e verificou que o perfil dos agressores é caracterizado por psicoticismo, sinceridade e liderança, enquanto que nas vítimas foram encontradas características como autocontrole, ansiedade e timidez.

Maldonado (2011) afirma que ataques repetitivos podem gerar, em algumas vítimas, um sentimento de estarem sendo permanentemente atacadas, não apenas pelos agressores reconhecidos, mas também por muitas outras pessoas que, na verdade, nem as estão atacando. Em casos assim, a pessoa cria uma sensibilidade especial que a faz interpretar comentários, olhares e gestos como provas de que está sendo perseguida, menosprezada, criticada, mesmo quando os que presenciam as cenas tentam convencê-la de que não é exatamente isso que está acontecendo.

Bullying e os critérios para identificação

As definições de *bullying* em cada país apresentam ligeiras diferenças, sem, no entanto, se interporem. Cada

definição leva em consideração as especificidades culturais daquele país e agrega realidades estruturais próprias de cada sociedade, tornando difícil a tarefa de realizar estudos comparativos ou fazer inferências em escala mundial (Catini, 2004). Apesar de pequenas diferenças nas definições, Fante e Pedra (2008) afirmam que não existem diferenças significativas entre o *bullying* praticado no Brasil e o *bullying* praticado no restante do mundo. O que muda são as estatísticas. O fenômeno *bullying* apresenta tantas variáveis e pode se dar em tantos contextos diferentes que a sua caracterização, às vezes, depende de subclassificações, mais específicas que a definição convencional adotada por Olweus.

A definição clássica de Olweus (1993) descreve o *bullying* como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado pela sua natureza repetitiva e pelo desequilíbrio de poder. Deve ser destacada a caracterização da relação entre agressor e vítima a partir de uma dinâmica de desequilíbrio de poder. A vivência e o senso comum podem induzir à falsa ideia de que o agressor é necessariamente mais forte fisicamente, mais alto ou mesmo mais velho. Invariavelmente, a vítima é sempre alguém que não consegue defender-se facilmente, ou mesmo alguém que não consegue motivar outros para que a defendam, e isso muitas vezes independe da idade ou da constituição física. Outra forma comum de desequilíbrio de poder ocorre quando a vítima se encontra em desvantagem numérica perante seus agressores. Ao selecionar sua vítima, o agressor geralmente já espera que não haja nenhum tipo de retaliação, ou, no mínimo, ele espera sair impune segundo seus próprios critérios. Em muitos casos, a vítima pode ser coagida, a partir de ameaças ou chantagens, a não reagir ou pedir ajuda.

Outro ponto importante a ser destacado na definição de Olweus (1993) é a palavra “repetitiva”, pois é a persistência do comportamento hostil, repulsivo e intimidador contra uma mesma pessoa ou grupo que determina o *bullying*. Ainda segundo Olweus, as ações são consideradas repetitivas quando os ataques são desferidos contra a mesma vítima em um determinado período de tempo, podendo variar de duas a mais vezes no ano letivo. Fante e Pedra (2008) argumentam que esta frequência pode parecer baixa, mas que deve ser levada em conta a desagradável experiência emocional vivenciada pela vítima, que termina por mobilizar, inconscientemente, sentimentos como medo, ansiedade, insegurança, raiva e constrangimento. Os mesmos autores ainda chamam a atenção para a tendência de se acreditar que todos os atos de violência que acontecem na escola são *bullying*. Essa banalização do fenômeno pode levar a intervenções desnecessárias e causar efeitos prejudiciais no relacionamento dos envolvidos, ponto também notado por Maria Teresa Maldonado, que afirma que “há atos agressivos que não podem ser caracterizados como *bullying* por não terem um padrão repetitivo ou por não acontecerem em relações desiguais de poder; mas todos os episódios de *bullying* são agressões” (Maldonado, 2001, p. 14).

Como a frequência das intimidações é um fator determinante para a caracterização do fenômeno, casos onde um agressor vitimiza poucas vezes um número considerável de pessoas podem ser subestimados. Em casos assim, tomar como parâmetro o ponto de vista das vítimas para caracterizar uma situação de *bullying* pode ser um erro. Um valentão que tenha intimidado alguém apenas uma vez não pode ser de imediato descartado como autor de *bullying*, desde que seja observado

se este mesmo valentão não fez mais vítimas e com que frequência as fez. Assim, para uma caracterização precisa do fenômeno, partir do ponto de vista do agressor parece ser a forma mais eficiente de proceder.

Para que uma situação de agressão seja caracterizada como *bullying*, é essencial, portanto, que o agressor pratique o ato violento repetidas vezes, independentemente de ser contra a mesma vítima ou não. O que define determinadas ações de violência como sistemáticas não é a frequência com que alguém sofre, mas sim a frequência com que alguém pratica. É claro que, para a vítima, tão piores serão as consequências quanto maior for o número de vezes em que ela for atacada. Já para o agressor, tão mais poderá ser identificado como tal quanto maior for a frequência com que praticar atos de intimidação, seja reincidindo sobre uma mesma vítima ou não. Desta forma, uma identificação mais eficaz e segura do fenômeno deve levar em conta, antes de mais nada, a intenção e os atos do agressor.

Seja qual for o critério adotado para a identificação, os danos e o sofrimento causados às vítimas devem ser considerados tanto quanto a frequência com que ocorrem as agressões. Fante (2005) propõe uma definição que aparentemente leva isto em conta. Para a autora, o *bullying* pode ser definido como “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar” (Fante, 2005, p. 27).

Na prática, entretanto, a definição de Olweus ainda se mostra bastante conveniente para caracterizar situações de *bullying*. Tomar critérios

mais objetivos, como a frequência das agressões e o desequilíbrio de poder na relação dos envolvidos, parece ser mais eficaz do que avaliar variáveis subjetivas, como os sentimentos negativos gerados nas vítimas ou as possíveis consequências para a sua vida adulta.

A realização de pesquisas, por exemplo, exige que a identificação do fenômeno seja feita a partir de critérios bem definidos. Também deve ser levado em conta o fato de que é sempre mais fácil obter uma denúncia de uma vítima do que uma confissão de um agressor, outra razão para que a definição de Olweus se mostre bastante apropriada. Em todo caso, os critérios que tecnicamente destacam o *bullying* das demais formas de conflitos entre pares são geralmente de difícil aferição objetiva e a sua operacionalização conceitual exige certa cautela.

Diferenças culturais também podem conduzir a definições ligeiramente distintas em diferentes países. Na França, por exemplo, a definição de *bullying* inclui todas as diferentes formas de mau uso da força (crime e ofensa contra pessoas, ou contra funcionários, ou propriedade da escola), todas as formas de violência da escola em si mesma, como uma instituição, e também todas as manifestações de incivilidade que perturbam a vida escolar, tal como indelicadeza, barulho e desordem (Fabre-Cornali *et al.*, 1999). Esta definição francesa também é certamente bem mais ampla e geral do que a proposta por Olweus (1993). No Japão, onde o *bullying* é conhecido como *ijime*, a definição também se mostra ligeiramente distinta. Segundo Morita *et al.* (1999), *ijime* é “um tipo de comportamento agressivo pelo qual alguém que sustenta uma posição dominante num processo de interação grupal, por atos intencionais ou coletivos, causa sofrimento mental ou físico a

outro dentro do grupo”. Para Catini (2004), esta definição e a de Olweus não se contrapõem, mas evidenciam diferenças culturais na manifestação dos referidos comportamentos.

Bullying aleatório

Em casos onde um agressor vitimiza poucas vezes um número considerável de pessoas, deve-se levar em conta que, além do prejuízo individual para as vítimas, existem também situações de prejuízo coletivo. Em circunstâncias onde vários estudantes são agredidos separadamente, surge um terreno propício à tensão e ao medo coletivos, muitas vezes em momentos que deveriam ser apenas de estudo e lazer.

Na prática, ataques coletivos são mais difíceis de ocorrer. Esta afirmativa tem fácil dedução. Quanto mais vítimas um valentão faz, maior a probabilidade de ser delatado ou de obter uma retaliação por parte de uma das vítimas. No *bullying* convencional, o agressor geralmente identifica e seleciona sua vítima por saber que ela não reagirá e não irá delatá-lo. É isso que a torna um alvo em potencial. No entanto, nem toda violência ocorre dentro do âmbito escolar se dá desta maneira. Em alguns casos, a vítima não é necessariamente escolhida, ela é, de certa forma, sorteada pelo agressor. Esta situação pode ocorrer de inúmeras maneiras, muitas delas sob a forma de armadilhas, ou até emboscadas. Quando as agressões ocorrem de maneira consciente e deliberada, porém não direcionadas a uma vítima em particular, diz-se que ocorre o *bullying* aleatório.

O *bullying* aleatório, sendo uma agressão não direcionada a alguém em particular, não tem motivações baseadas em julgamentos pessoais por parte do agressor. Isso quer dizer que a intimidação não surge como

uma reação a alguma característica da vítima que o incomode, uma vez que ele mesmo não sabe quem será a sua vítima, ou ao menos não pode prever com exatidão. O caráter randômico desta modalidade de *bullying* é um dos fatores que a distingue do *bullying* convencional. As ações do agressor são persistentes, mas não visam a uma única vítima em particular.

Uma vítima de *bullying* aleatório não possui nenhuma característica em especial que motive no agressor este tipo de intimidação. Também não age de qualquer forma que atraia para si a agressão. É simplesmente alguém que tem o infortúnio de estar no lugar errado e na hora errada. Nesta modalidade em particular de intimidação, não existe desequilíbrio de poder entre os envolvidos. A vítima, em algumas situações, pode até ser considerada mais forte que o agressor, pois muitas agressões são anônimas, uma vez que o agressor geralmente se esforça para não ser descoberto.

Enumeram-se, portanto, as quatro principais características que definem uma situação de *bullying* aleatório:

- As ações do agressor são persistentes;
- Agressões não direcionadas;
- Não há desequilíbrio de poder;
- Qualquer pessoa é uma vítima em potencial.

O *bullying* aleatório constitui-se numa agressão atípica, pois o agressor não sabe de antemão quem atingirá com suas ações. Criar situações potencialmente prejudiciais e aguardar pelo desfecho pode gerar momentos de diversão perversa para os agressores. No mais, a iminência de fazer uma vítima muitas das vezes pode se converter em uma experiência prazerosa e satisfatória. Beane (2010) argumenta que, quando se trata de crueldade, as crianças têm uma criatividade incrível, e ressalta

a dificuldade em relacionar todos os comportamentos que compõem uma situação de intimidação.

A título de investigação e caracterização do fenômeno aqui pesquisado, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, que avaliou situações de *bullying* aleatório na vida pretérita de estudantes universitários, que foram solicitados a narrar situações ocorridas em suas vidas no ensino básico.

Metodologia

A pesquisa constante no presente artigo foi realizada junto a estudantes de uma universidade pública brasileira. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e que, portanto, visa à obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo com a situação objeto de estudo. Neste caso, pessoas que vivenciaram, praticaram ou testemunharam situações de violência aleatória no espaço escolar.

Ao todo, uma amostra de 120 pessoas foi tomada por um processo de amostragem aleatória simples. A cada respondente foi solicitado que respondesse a um questionário aberto e, portanto, de livre expressão, onde deveriam ser narradas situações de agressão aleatória vivenciadas ou testemunhadas durante a vida escolar no ensino básico.

Para efeitos de realização de pesquisa, o conceito de *bullying* apresenta algumas fragilidades. Por ser comumente confundido com situações esporádicas de conflito entre pares, o termo *bullying* ainda causa algum estranhamento nos ambientes acadêmico e escolar.

Como a diferenciação do fenômeno *bullying* das demais formas de violência que acontecem no espaço escolar ainda é muito incipiente, os critérios que o destacam tecnicamente, como a frequência de ocorrência e o desequilíbrio de

poder entre os envolvidos, tornam-se de difícil aferição objetiva. Desta forma, a dificuldade de identificação de situações de *bullying* exige que a operacionalização do conceito se dê de forma mais flexível (Fischer, 2010).

Para uma pesquisa que visa investigar o fenômeno *bullying* aleatório, essa exigência se torna ainda maior. A ausência de critérios como o desequilíbrio de poder entre os envolvidos e a dificuldade prática em aferir a frequência com que um agressor de *bullying* aleatório pratica seus atos são dois possíveis agravantes. O anonimato das ações gera dificuldades metodológicas que só podem ser suplantadas, em parte, pelos relatos de vítimas e testemunhas, uma vez que as confissões são mais raras.

Resultados

A partir da coleta de dados qualitativos, foram obtidos depoimentos que descrevem situações de violência aleatória vividas durante a vida escolar dos pesquisados. Os resultados mostram relatos de situações inusitadas e, em alguns casos, situações de crueldade explícita, como neste caso:

Na escola em que eu estudava, alguns alunos passavam pimenta no bebedouro da escola e ficavam escondidos esperando que alguém fosse beber água. No momento em que a pessoa bebia a água e sentia o ardor insuportável na boca, eles rolavam de rir. Pareciam realmente se divertir com aquilo. Passei a comprar água mineral na cantina todos os dias, porque morria de medo de tomar água no bebedouro.

Este outro relato narra uma situação clássica de *bullying* aleatório:

Nunca passei por situações desse tipo, mas, na minha sala, tive um amigo que passou. Voltávamos do recreio e alguém posicionou a lixeira no topo da porta. Ele entrou na frente

e quando abriu a porta, a lixeira, cheia de papel, caiu na cabeça dele. A sala toda riu. Fiquei muito chateado por ele. Foi horrível.

Também há casos onde o agressor visa causar um desconforto tanto a estudantes como a funcionários da escola. Isto pode ser percebido, por exemplo, neste relato:

Na minha escola, tinha um grupo de meninos da 8ª série que costumava aprontar bastante. Um dia, eles entupiram o ralo da pia do banheiro com papel e deixaram a torneira ligada, alagando todo o banheiro. A água depois foi pro corredor. Tudo acabou virando uma lama só. [...] Fiquei com pena da servente, que acabou tendo que limpar tudo sozinha.

Professores, funcionários, alunos e até os próprios amigos dos agressores podem ser vítimas dessas ações, uma vez que a imprevisibilidade do desfecho pode resultar em situações indesejadas até pelos próprios agressores. Este relato mostra como isso pode acontecer:

Estudei em uma escola particular que tinha um corredor comprido que levava até a saída. Um grupo de alunos do 2º ano escolheu esse local para importunar os alunos menores do fundamental. Um dia, um deles cuspiu no teto desse corredor. Eles então se sentaram e ficaram esperando que aquele cuspe, pendendo do alto, caísse na cabeça de algum desavisado que estivesse passando por ali. Durante o tempo em que eles ficaram aguardando, dois professores, vários alunos e até a diretora da escola passaram pelo corredor sem notar nada. Foi um milagre não ter atingido ninguém. [...] Eles ficavam ansiosos pra ver aquilo cair na cabeça das pessoas.

A excitação causada pela iminência de um possível desfecho inusitado motiva muitos agressores a repetirem práticas como esta sem

a preocupação de serem descobertos, já que se sentem protegidos pelo anonimato. Essa roleta russa perversa gera uma ansiedade prazerosa nos agressores, indicando total ausência de empatia ou qualquer tipo de preocupação com o bem-estar do próximo. A busca persistente por situações de risco para outrem demonstra uma falta de senso de responsabilidade, excessiva inconsequência nos atos e uma visão distorcida, do ponto de vista ético, a respeito do conceito de diversão.

Assim como no *bullying* convencional, o *bullying* aleatório também pode ser encorajado por fatores sociais e relacionais. Obter *status* dentro de um grupo onde os demais partilham das mesmas concepções é sempre uma possível motivação. Nestes casos, respeito e admiração são conquistados a partir de atitudes fundadas em valores corrompidos. Essas atitudes ajudam a unir o grupo, fortalecendo os laços entre seus participantes. Além do mais, a prática de *bullying* aleatório pode ser utilizada como forma de compensar a ausência de habilidade social para a obtenção de *status*. Para muitos agressores, o sofrimento alheio é um preço baixo a ser pago para conquistar aceitação e popularidade.

A diversão inconsequente, de alguma forma, parece ser um dos polos norteadores desta prática. Rir e divertir-se são ações naturais e corriqueiras na vida de muitas crianças e adolescentes. Entretanto, existem situações onde diversão e riso são compartilhados. Em outros casos, nem tanto. Divertir-se à custa do sofrimento alheio é um indicativo da ausência de uma predisposição ao convívio social saudável. Em muitos casos, o agressor não possui a sensibilidade necessária para perceber os danos potenciais que suas ações infligem às vítimas. Esta falta de habilidade para notar sentimentos negativos no próximo, assim como

a falta de habilidade para reagir adequadamente a eles, é o que desencadeia, nos agressores, as ações violentas e as tornam frequentes. Qualquer pessoa que se sinta mal ou desconfortável ao prejudicar alguém, no mínimo, se permitirá algum nível de reflexão sobre o assunto antes de repetir o ato. Para quem o remorso e a empatia são sentimentos raramente experimentados, agredir e intimidar se tornam atitudes naturais.

Considerações finais

Jovens que vivenciam situações de violência em casa ou na escola tendem a reproduzir este comportamento em seu convívio social. Com o caráter e a personalidade em processo de formação acentuada, crianças e adolescentes precisam de constante orientação e profundo encorajamento para desenvolverem ferramentas sociais baseadas no respeito e na diplomacia. Tolerância, senso de coletividade e empatia são valores muitas vezes aprendidos no convívio saudável com a diversidade.

Devido à imaturidade e à falta de habilidades sociais que permitam uma dinâmica saudável de solução de conflitos, crianças e adolescentes podem ser, muitas das vezes, cruéis com seus pares. A lei social de popularidade baseada em valores fúteis e superficiais, típica e imperante na idade, é um agravante para esta situação. O *bullying* nada mais é do que um reflexo indireto desses fatores, assim como a sua modalidade aleatória.

O *bullying* convencional e o *bullying* aleatório, apesar de se darem sob aspectos diferentes em termos de manifestação, podem conviver lado a lado no mesmo ambiente. Uma mesma pessoa pode ser vítima das duas modalidades, assim como um mesmo agressor também pode praticar as duas.

Na pesquisa qualitativa realizada para a elaboração deste trabalho, muitas pessoas que se disseram vítimas de algum tipo de *bullying* aleatório durante a vida escolar relataram também ter sofrido com o *bullying* convencional.

No que concerne aos efeitos de um e outro sobre as vítimas, é difícil dizer algo, uma vez que cada caso tem a sua particularidade. No entanto, algumas diferenças podem ser inferidas. Talvez o *bullying* convencional tenha um efeito mais deletério sobre a vítima, uma vez que se leve em conta a persistência das ações sobre uma mesma vítima, o que não ocorre necessariamente no *bullying* aleatório, já que as ações do agressor são persistentes, mas não visam necessariamente à mesma vítima. Por outro lado, o caráter muitas vezes anônimo e o fator imprevisibilidade inerentes ao *bullying* aleatório podem tornar esta modalidade particularmente frustrante para a vítima, uma vez que esta não tem sequer como se defender, ou mesmo prever com alguma antecedência as ações do agressor.

Pais, professores, direção e os próprios alunos são responsáveis direta ou indiretamente pela qualidade do convívio social no ambiente escolar. A capacidade de se prevenir possíveis conflitos nas escolas sugere a criação de sistemas positivos de disciplina que induzam a ações igualmente positivas. A boa convivência e a qualidade do clima relacional estão diretamente ligadas ao nível de instrução, ao estímulo a valores positivos e à valorização de virtudes genuínas. Pessoas bem instruídas, educadas e estimuladas na prática da resolução pacífica de conflitos tendem a responder positivamente aos percalços naturais do convívio social e contribuem de forma construtiva para o ambiente em que estão inseridas.

Referências

- BEANE, A.L. 2010. *Proteja seu filho do bullying*. Rio de Janeiro, BestSeller, 218 p.
- BOTELHO, R.G.; SOUZA, J.M.C. 2007. *Bullying e Educação Física na escola: características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção*. *Revista de Educação Física*, **139**:58-70.
- CALHAU, L.B. 2010. *Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. Niterói, Impetus, 137 p.
- CARITA, H.I.C. S. 2008. *Bullying e agressividade em contexto escolar: participação como método de prevenção numa comunidade com história – Quinta do Loureiro, Vale de Alcântara*. Vale de Alcântara, SC. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada – ISPA, 111 p.
- CATINI, N. 2004. *Problematizando o “bullying” para a realidade brasileira*. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC Campinas, 206 p.
- CECCONELLO, A.M.; KOLLER, S.H. 1999. Avaliação da representação mental da relação de apego através do desenho da família: Um estudo com crianças brasileiras. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, **51**(4):39-51.
- CEREZO, F. 2001. Variables de personalidad asociadas en la dinámica bullying (agresores versus víctimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. *Anales de Psicología*, **17**(1):37-43.
- CONSTANTINI, A. 2004. *Bullying: como combatê-lo?* São Paulo, Itália Nova, 224 p.
- ELMAN, N.M.; EIL, K.M. 2004. *As regras da amizade*. São Paulo, M. Books do Brasil, 295 p.
- FABRE-CORNALI, D.; EMIN, J. C.; PAIN, J. 1999. France. In: P.K. SMITH; Y. MORITA; J. JUNGER-TAS; D. OLWEUS; R. CATALANO; P. SLEE. (orgs.), *The nature of school bullying – A cross-national perspective*. New York, Routledge, p. 128-139.
- FANTE, C. 2005. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, Verus, 224 p.
- FANTE, C.; PEDRA, J.A. 2008. *Bullying escolar – perguntas e respostas*. Porto Alegre, Artmed, 142 p.
- FISCHER, R.M. (Org.). 2010. *Bullying escolar no Brasil – Relatório final*. Disponível em: <http://www.slideshare.net/eduedeoliv/pesquisa-bullying-escolarnobrasil>. Acesso em: 05/10/2011.

- KERVOKIAN, M.; D'ANTONA, R. 2008. *101 facts about bullying: What everyone should know*. Lanham, Maryland, Rowman & Littlefield, 176 p.
- LINDSTRÖM, B. 2001. O significado de resiliência. *Adolesc. Latinoam.*, **2**(3):133-137.
- MALDONADO, M.T. 2001. *Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?* São Paulo, Moderna, 143 p.
- MARRIEL, L.M.; ASSIS, S.G.; AVANCI, J.Q.; OLIVEIRA, R.V.C. 2006. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, **36**(127):35-50. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742006000100003>
- McEACHERN, A.G.; KENNY, M.C.; BLAKE, E.; ALUEDE, O. 2005. Bullying in schools: International variations. *Journal of Social Sciences*, **8**:51-58.
- MORITA, Y.; SOEDA, H.; SOEDA, K.; TAKI, M. 1999. Japan. In: P.K. SMITH; Y. MORITA; J. JUNGER-TAS; D. OLWEUS; R. CATALANO; P. SLEE. (orgs.), *The nature of school bullying – A cross-national perspective*. New York, Routledge, p. 309-323.
- OLWEUS, D. 1993. *Bullying at school – What we know and what we can do*. Cambridge, Blackwell, 152 p.

Submetido: 19/10/2011

Aceito: 26/03/2012